

GRUPOS DE LÍNGUAS TUPI-GUARANI NO ESTADO DE SÃO PAULO: ANÁLISE DE CONTEXTOS FUNERÁRIOS DAS BACIAS DOS RIOS PARANAPANEMA E ALTO PARANÁ

Mariana Alves Pereira Cristante¹

Recebido em 13.09.2017; Aceito 09.10.2017.

Resumo

Trazemos os resultados preliminares da análise de contextos funerários, material cerâmico e remanescentes humanos provenientes de sítios das regiões dos rios Paranapanema e Alto Paraná, dentro do território do atual estado de São Paulo, Brasil. Será discutida a variabilidade desses contextos, e como uma arqueologia das práticas funerárias Tupi pode trazer contribuições para a questão da ocupação do território do estado por diferentes grupos.

Palavras-chave: Contextos Funerários, Grupos Tupi-Guarani, Estado de São Paulo

Abstract

We present the preliminary results of the analysis of funerary contexts, ceramic material and human remains from sites in the Paranapanema and Alto Paraná river basins, within the territory of the present state of São Paulo, Brazil. It will be discussed the variability of these contexts, and how an archaeology of Tupi funerary practices can bring contributions to the question of the occupation, by different groups, of the territory of São Paulo.

Keywords: Funerary Contexts, Tupi-Guarani Groups, São Paulo State.

Na arqueologia de grupos Tupi, as chamadas urnas funerárias sempre foram alguns dos artefatos que mais despertaram o interesse, tanto de pesquisadores quanto das pessoas em geral. É possível encontrá-las em muitos museus, pois sempre foi comum serem achadas e desenterradas por pessoas da comunidade local. Em várias ocasiões, a prospecção de sítios arqueológicos se iniciou a partir da “descoberta” de uma urna. Materiais provenientes de contextos funerários sempre foram utilizados - embora os mortos dificilmente sejam a preocupação central -, pois grande parte das peças mais íntegras são provenientes desses contextos. Na América do Sul em geral, urnas funerárias são encontradas em inúmeros lugares, de norte a sul.

Nesta pesquisa, trazemos os dados preliminares da análise de contextos funerários das bacias do Paranapanema e Alto Paraná, estado de São Paulo. Nosso objetivo é mostrar a variabilidade dos contextos funerários de sítios relacionados a grupos de línguas Tupi-Guarani, que pode ser notada por meio de uma abordagem proveniente da Arqueologia das Práticas Mortuárias. Esperamos demonstrar como essa disciplina, que se ocupa em recuperar comportamentos ligados à morte, pode contribuir para as discussões sobre o mosaico de confluências dos grupos culturalmente distintos que habitaram o estado.

¹ Mestranda em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Av. Prof. Almeida Prado, 1466, Cidade Universitária, 05508-070, São Paulo - SP, Brasil. E-mail: mariana.cristante@gmail.com

Uma das características que torna o estudo de contextos funerários particular é o fato de lidar com remanescentes do que um dia foram humanos vivos. Problemas surgem quando há um conflito de interesses entre pessoas envolvidas com os remanescentes humanos e seus contextos. Materiais arqueológicos, que para nós são objeto de análise, para outros grupos humanos possuem outros significados, que às vezes entram em conflito com nossas abordagens e métodos (Pearson, 2002). Como apontam Smith & Wobst (2005), a Arqueologia em geral é colonialista, pois traz uma abordagem ocidental que, na maioria das vezes, ignora os grupos humanos mesmo quando trabalha com remanescentes associados a eles, e tenta contar histórias do passado desses grupos como se eles não pudessem falar por si próprios. Mas muitos grupos indígenas, com diferentes visões de temporalidade, consideram que sua própria história pertence a eles, e que não precisam de pessoas de fora para lhes contar, muito menos usar os mortos para isso. Em muitas partes do mundo, a reivindicação pelo repatriamento e não perturbação de sepulturas acaba diminuindo ou paralisando as pesquisas arqueológicas em contextos funerários, o que gera embates e conflitos entre comunidades indígenas e arqueólogos, e também entre os próprios arqueólogos, conflitos esses que podem se tornar muito grandes, e nada fáceis de se lidar (Pearson, 2002).

Na Arqueologia das Práticas Mortuárias nós buscamos entender a vida através da morte, e isso nos coloca, às vezes, em uma situação difícil: como estudar uma vida que, muitas vezes, na verdade estamos ignorando? Ao analisarmos a vida de indivíduos sepultados em sítios arqueológicos, nos preocupamos com aquela que o indivíduo e sua comunidade tinham no passado, mas esquecemos de nos preocupar com a vida que aqueles indivíduos representam, no presente, para algumas pessoas e grupos. Por isso, os arqueólogos devem trazer em seu trabalho o respeito pelas tradições dos grupos indígenas, pelas profundas crenças religiosas de grupos, e pelas sensibilidades das comunidades locais (Pearson, 2002).

Muitos arqueólogos vêm revendo sua postura em relação ao estudo dos contextos funerários. Desde a década de 1960, começou-se a questionar a ética da disciplina arqueológica (Pearson, 2002). De aproximadamente 30 anos para cá, teorias arqueológicas têm enfatizado a subjetividade do processo de interpretação, o que resultou em arqueologias preocupadas com a multivocalidade. Há um desejo de se dar voz a grupos até então marginalizados (Nilsson Stutz, 2007). Desde o início dos anos 1980, um grupo minoritário clama por uma abordagem mais política e ética em relação aos remanescentes humanos. Hoje em dia, é cada vez mais forte a percepção de que uma arqueologia positivista, que logra simplesmente “descobrir” sobre culturas passadas é questionável, pois, como ciência humana, a Arqueologia não é neutra, apartada de questões que envolvam o restante da sociedade, e nem livre, ou seja, está dentro de uma rede de relações sociais e econômicas em que conhecimento intelectual é poder (Pearson, 2002).

São Paulo, um mosaico de confluências

A região do atual estado de São Paulo é considerada por muitos arqueólogos como uma área de confluências culturais e de fronteiras entre grupos Guarani, Tupi (Tupinambá) e Jê. Métraux e Brochado, há tempos, já delimitaram a fronteira entre grupos Guarani e Tupinambá no estado de São Paulo (Moraes, 2007). A região parece ser uma área limite entre culturas arqueológicas inicialmente definidas para outras regiões do país, tanto sul, quanto norte e centro-oeste; e o que as pesquisas sugerem é que grupos humanos de diferentes regiões foram para essa área, tornando-a repleta de limites regionais (Afonso, 2008-2009).

Apesar da existência desses limites, há muitas dúvidas sobre as fronteiras culturais, sua distribuição geográfica, cronologia, grupos humanos envolvidos e os tipos de

fronteiras. Ainda é muito incipiente o estudo, por exemplo, de sítios que possuem materiais que por muito tempo foram chamados de “intrusivos”, ou seja, materiais estranhos em relação à maioria definida para aquele sítio (em termos de tradições culturais) – muitas vezes materiais considerados Jê (Aratu) em sítios Guarani (Afonso, 2008-2009).

Há a presença de sítios Guarani nas bacias do rio Santo Anastácio, Aguapeí e do Peixe. Para Chmyz (2002), a separação entre Guarani e Tupinambá no litoral estaria, pelo menos, na região da baía de Paranaguá, no Paraná. No contexto do Projeto Porto Primavera, lado de Mato Grosso do Sul, Kashimoto e Martins (2009) identificaram que essa área de separação entre os dois grupos linguísticos estende-se pelo intervalo entre os rio Tietê (SP) e Pardo (MS).

No leste do estado, na bacia do rio Mogi-Guaçu, Moraes (2007) considera que há materiais cerâmicos que atestam a presença de grupos diferentes, tanto Tupinambá quanto Guarani. Ela denomina esses conjuntos cerâmicos como Tupi do Interior, que teriam mais características Tupinambá do que Guarani, e possuiriam um largo espectro temporal que vai até a época da colonização. As formas *camuci* e *nhaempepó* encontradas lá, em contextos funerários, são muito similares às que foram encontradas nos sítios do Alto Paranapanema (Fonseca, Prassévichus), também em contextos funerários.

Já na região do vale do Paranapanema, segundo Morais (1999), Chmyz (2002), Afonso (2006) e Faccio (2011), entre outros, a área que dividiria Guarani e Tupinambá estaria ao norte desse rio, tendo sido este vale e o do Alto Paraná (até próximo à confluência com o rio Pardo) ocupados por grupos Guarani; enquanto o vale do Médio Tietê e regiões mais ao norte teriam sido ocupados por grupos Tupinambá.

No entanto, segundo Noelli (1993), Brochado reconsidera suas afirmativas de 1984, colocando os sítios do Alto Paranapanema escavados por Luciana Pallestrini como Tupinambá, por causa da forma e tratamento de superfície das vasilhas. Moraes (2007), ao fazer um minucioso levantamento bibliográfico, também aponta que os dados do Paranapanema precisam ser revistos, pois há a presença de materiais que podem estar associados aos Tupinambá. Corrêa (2014), ao analisar a forma e tratamento da superfície de vasilhas, também coloca o Alto Paranapanema como uma região Tupinambá. A espacialidade encontrada por Corrêa para as diversas cerâmicas Tupi coloca a área de convivência e influências entre Guarani e Tupinambá desde a região próxima à baía de Paranaguá, estado do Paraná e litoral de São Paulo, até o Alto e Médio Paranapanema e por uma extensa região do oeste paulista.

Como podemos observar, a região do atual estado de São Paulo apresenta um mosaico de confluências, que estamos apenas começando a entender melhor, apesar do grande número de pesquisas. A partir do trabalho de Moraes (2007), podemos ver que a simples associação de cerâmicas a subtradições Tupinambá e Guarani, sem uma análise mais aprofundada dos conjuntos e suas particularidades, não é suficiente para entendermos a ocupação e a história dos grupos ceramistas que habitaram certas regiões. As pesquisas da autora demonstram que grupos com similaridades com os Tupinambá, porém com uma produção cerâmica diferente de outros Tupinambá (como os do Rio de Janeiro), habitaram a região do Alto e Médio rio Mogi-Guaçu.

Uma arqueologia das práticas funerárias Tupi

A arqueologia das práticas funerárias tem como objeto de pesquisa os gestos funerários. Como observa Rapp Py-Daniel (2015), isso nos permite acessar contextos simbólicos repletos de escolhas culturais, mesmo não sendo possível acessar nem a maior parte dos significados por trás dos gestos. Os gestos funerários são as ações realizadas pelos vivos para o morto, em contextos de funeral, ou seja, quando há a

intenção de dar àquele morto um destino adequado, em que crenças, cosmologias e simbologias estão intimamente relacionadas.

No Brasil, uma arqueologia assim não é muito desenvolvida, tendo se iniciado há pouco tempo. Uma preocupação em recuperar os gestos que podem ser observados no contexto funerário ainda é uma exceção à regra, existente principalmente em pesquisas relacionadas a sambaquis e grupos como os das grutas da região de Lagoa Santa, mas quase inexistente nas pesquisas relacionadas aos grupos Tupi. Algumas das pesquisas que possuíam o objetivo de realizar uma escavação cuidadosa à procura de gestos funerários em contextos Tupi são os trabalhos de Pallestrini (1969, 1975 e 1983-1984), Piedade & Soares (2000), Müller & Mendonça de Souza (2011), e Rapp Py-Daniel (2015). Há outros trabalhos pontuais de escavações em urnas. Para a região sul, há alguns trabalhos que tratam especificamente de práticas funerárias de grupos Tupi, como os apontamentos de Montardo (1995) e Rizzardo & Schmitz (2015). Sobre aspectos teórico-metodológicos de uma arqueologia funerária Tupi, há os apontamentos de Noelli (1993) sobre os contextos funerários Guarani, e o trabalho de Montardo & Noelli (1995-1996).

Mendonça de Souza & Rodrigues-Carvalho (2013) notaram a necessidade de um olhar mais refinado para os contextos funerários, que busque não apenas os remanescentes humanos, mas também os gestos funerários. Para que haja esse olhar refinado, é de extrema importância analisar o que está além dos ossos no chão, pois o contexto funerário não é constituído apenas de materiais palpáveis e com morfologia definida, mas também por diversos outros elementos que só podem ser observados em campo, alguns muito sutis. A escavação e registro corretos são cruciais, pois sem eles muitas informações são perdidas. O contexto deve ser considerado como o testemunho de cenas e gestos funerários, e não apenas como o lugar onde estão os ossos. Pensar nessa variedade de evidências que apontam para gestos funerários dá a oportunidade para realizar inferências através da documentação de elementos que se perderão após o desmonte da estrutura. Pequenos gestos, que resultam em sequências construtivas, quando notados podem nos levar a perceber diferenças culturais locais e entre sítios, bem como podem ajudar a pensar sobre o tempo, energia e recursos econômicos gastos para preparar e homenagear os mortos.

Como nos traz Rapp Py-Daniel (2015), os contextos funerários arqueológicos não são simplesmente locais de deposição dos mortos, e sim locais plenos de vida, onde uma série de gestos socialmente aceitos, e muitas vezes simbolicamente significativos, permitem ao arqueólogo conhecer várias informações sobre grupos do passado e do presente.

No início do século XX, os arqueólogos buscavam observar como gestos funerários se difundiam pelo espaço, de uma cultura para outra, ou migravam de uma região para outra. Hoje em dia sabemos que não existe significado universal para nenhuma prática, seja funerária ou não. Somente o contexto e as mudanças sociais através do tempo permitem que alguma inferência possa ser feita sobre significados. Portanto, falar em uma difusão dos gestos funerários, sem levar em conta o contexto histórico em que estão inseridos, não traz nenhuma informação plausível. Os gestos funerários podem ser, às vezes, parecidos entre grupos diferentes, mas são únicos na sua concepção e execução (Rapp Py-Daniel, 2015).

Para uma arqueologia das práticas funerárias de grupos Tupi e, no nosso caso, de grupos de línguas Tupi-Guarani, partimos de alguns pressupostos. Primeiro, que a área funerária, ou seja, todo o contexto em que está inserido o sepultamento, inclusive as vasilhas, tembetás, conchas, blocos de rocha e outros materiais que possa haver, suas respectivas posições e relações contextuais, deve ser a base para a análise. Desse modo, todos os objetos e materiais arqueológicos que estiverem no contexto devem ser analisados sem restrição, para que haja o mínimo possível de informações cortadas e

incompletas. No caso desta pesquisa, analisamos contextos escavados desde os anos 1960 até 2010, sendo que não participamos de nenhuma dessas escavações. Desse modo, trabalhamos com fontes secundárias.

Em segundo lugar, as urnas funerárias e contextos nas quais são encontradas não representam a totalidade das práticas funerárias desses grupos. Como nos traz Rapp Py-Daniel (2015), os grupos Tupi da Amazônia são os que apresentam, etnograficamente, quando comparados a grupos Aruak ou Jê, a maior variedade de práticas funerárias. Praticam (ou praticavam) sepultamento primário direto, sepultamento primário indireto (em rede, cestaria ou urna), sepultamento secundário direto na terra, sepultamento secundário em urna, exocanibalismo, cremação, mumificação/moqueação, distribuição de ossos, guarda de ossos em residência, exposição do corpo em rede ou plataforma. Essa multiplicidade de práticas nos leva a crer que o sepultamento em urna não é a única forma de sepultamento possível entre grupos Tupi-Guarani, e sim apenas a que mais se preserva, conforme sugere a autora. Noelli (1993) sugere a existência de sepultamentos primários e secundários, dentro e fora de urna entre os Guarani, um cenário que poderia ocorrer até mesmo com certa frequência, não estando visível, entre outras causas, por questões de má preservação.

Em terceiro lugar, os contextos funerários, como qualquer contexto arqueológico, devem ser analisados levando-se em conta os processos de formação e pós-deposicionais pelos quais passam. Isso significa que, para a observação de gestos funerários, é preciso separar o que é natural do que é gesto, como nos traz Duday (2009) e Monteiro da Silva (2005). Todo sepultamento um dia foi um corpo que passou por vários processos após a morte, naturais e ações humanas, assim como a área funerária. Os objetos que a constituem podem ter ido para aquele contexto através de processos deposicionais distintos (LaMotta, 2001), pois os ritos e ações relacionados ao morto podem ter ocorrido em um período de tempo longo ou muito posterior ao sepultamento.

Os vestígios arqueológicos do sepultamento (artefatos e estruturas) são a culminação de ritos que separam os vivos dos mortos, transportando aquele morto para uma outra dimensão de compreensão. Esses ritos podem ter atingido o seu final ou terem cessado antes disso (Pearson, 2002). Um sepultamento não é um fato, e sim uma série de processos que ocorreram por certo período de tempo. Para grupos Tupi, sabemos através de etnografias que há diversos ritos funerários antes, durante e depois do sepultamento, e que o mesmo pode se dar em mais de uma etapa.

Mendonça de Souza & Rodrigues-Carvalho (2013) fazem considerações sobre o assunto:

“É recorrente, no nosso imaginário sobre o funeral, um ato pontual, o que certamente não corresponde ao que sabemos para diferentes grupos humanos. A fraca motivação etnográfica e a formação antropológica, quando insuficiente, contribuem para isso. Por outro lado, nossa própria postura cultural hegemônica, de crescente distanciamento em relação à morte, talvez favoreça uma visão dos funerais como um ‘quase descarte’, pouco contribuindo para pensar sobre a morte cerimonializada.” (Mendonça de Souza & Rodrigues-Carvalho, 2013)

Para além dos ritos funerários e pós-funerários, um sepultamento pode passar por diversas outras ações humanas que não estão, necessariamente, ligadas àquele morto em especial. Os cemitérios, segundo as autoras, seriam locais dinâmicos, que passam por diversas intervenções durante seu período de utilização. Além dessa dinâmica de utilização de uma ou mais áreas funerárias pelo grupo em questão durante certo período, temos que pensar também na dinâmica de utilização após o abandono dessas áreas, ou após certas modificações sócio-políticas. Outros grupos poderiam utilizar a área funerária,

ou o mesmo grupo poderia voltar a utilizá-la posteriormente, de outras maneiras (Mendonça de Souza, 2001).

Como o estudo das práticas funerárias se preocupa em recuperar os comportamentos relacionados aos contextos funerários, ele pode trazer contribuições para a questão das ocupações da região do atual estado de São Paulo por diferentes grupos. Isso porque, conforme estamos observando em nossas análises, além de diferenças nas cerâmicas de sítios ao longo do Paranapanema, há também diferenças nas práticas funerárias. Essa variabilidade pode ajudar no reconhecimento de possíveis identidades diferenciadas entre grupos. Alguns desses grupos muito provavelmente se relacionaram por um certo período, o que pode ter influenciado nas práticas funerárias.

Para tentar reconhecer a variabilidade de práticas, realizamos uma análise das cerâmicas encontradas em contextos funerários, de alguns remanescentes humanos e da espacialidade funerária. Esta última compreende os níveis do contexto, do sítio e entre os sítios analisados da região.

Os contextos funerários do Paranapanema e Alto Paraná

O material que analisamos é proveniente de contextos escavados desde os anos 1960 a 2010, por diferentes pesquisadores e no âmbito de diferentes projetos. As regiões analisadas contam com um grande número de pesquisas, mas citaremos apenas aquelas que resgataram o material que analisamos. Na região do Paranapanema, o mais longo projeto arqueológico é o projeto Paranapanema, inicialmente coordenado pela arqueóloga Luciana Pallestrini, e a partir da década de 1980 passou a ser pelo Prof. Dr. José Luiz de Moraes. O projeto ainda encontra-se em desenvolvimento, e atualmente os trabalhos são em sua maior parte realizados pela Prof. Dra. Neide Barrocá Faccio. Os pesquisadores deste projeto foram os responsáveis pela escavação de quase todos os contextos funerários que iremos analisar no presente artigo. Já na região do Alto rio Paraná, na área da divisa entre os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, o Projeto Porto Primavera foi realizado como salvamento para a construção da usina hidrelétrica de mesmo nome. Este grande projeto foi dividido em lado paulista (coordenado pela Prof. Dra. Ruth Kunzli) e lado sul-matogrossense (coordenado pelos Profs. Drs. Emília Kashimoto e Gilson Martins). No Alto Paraná, também, houve o Projeto Décima Região, coordenado pela arqueóloga Prof. Dra. Ruth Kunzli.

Os sítios que estamos analisando se distribuem pelo alto, médio e baixo vale do Paranapanema, lado paulista, e por uma área restrita do alto vale do Paraná, também lado paulista. Fizemos um levantamento de informações e descrições sobre a escavação de contextos funerários, que nos trouxe diversos contextos com diferentes graus de precisão na descrição. Alguns sítios foram bem descritos, e várias informações sobre os contextos puderam ser recuperadas. Outros, no entanto, contam com poucas descrições. Em alguns casos, não é nem possível ter certeza se a vasilha descrita como urna funerária continha ossos humanos. A descontextualização de vasilhas e a falta de informações sobre a escavação das mesmas, quando esta é realizada por arqueólogos, são fatores que limitam qualquer interpretação.

Os 5 sítios que possuem descrições suficientes para nos trazer diversas informações sobre os contextos funerários estão na tabela abaixo. Além destes 5, estamos trabalhando com outros 4 e com 2 ocorrências arqueológicas. Todos os sítios e ocorrências analisados para compor os dados deste artigo encontram-se no mapa da figura 7. Para analisar estes acervos, além do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, fomos ao Centro Regional de Arqueologia Ambiental Mário Neme, em Piraju (SP), vinculado ao MAE-USP; ao Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia da Universidade Estadual Paulista (CEMAARQ - UNESP), em Presidente Prudente (SP); e ao Museu de Arqueologia de Iepê (MAI), em Iepê (SP).

Nome do sítio	Local do sítio	Primeiro pesquisador (a)	Época da pesquisa	Datações para o sítio	Área do sítio
Prassévichus	Itaberá - SP	Luciana Pallestrini e José Luiz de Moraes	Década de 1980	-	80.000m ² ou 8 hectares
Fonseca	Itapeva - SP	Luciana Pallestrini	Final da década de 1960	899 AD, 1190±120 AP, 1110±110 AP, 1100±100 AP, 1100 ±110 AP, 1076 AP, 1010±100 AP, 970±100 AP	40.000m ² ou 4 hectares
Alves	Piraju - SP	Luciana Pallestrini	Década de 1970	1150±100 AP, 1021±100AP, 1020 AP, 955±100 AP	40.000 m ² ou 4 hectares
Aguinha	Iepê - SP	Neide Barrocá Faccio	1999 - 2010	700±160 AP	-
Pernilongo	Iepê - SP	Neide Barrocá Faccio	1999, 2000, 2002, 2007, 2010	700±160 AP	-

Características e áreas de implantação dos sítios

Os sítios Fonseca e Prassévichus são a céu aberto, e estão localizados ambos em topo de colina, próximos a córregos, o segundo próximo à confluência com o rio Taquari. Eles possuem 8 e 9 manchas de terra preta, respectivamente, interpretadas como vestígios de habitações, 40.000 e 80.000 metros quadrados de área.

O sítio Alves também é a céu aberto, com 40.000 metros quadrados de área, localizado no topo de uma colina, próximo a um ribeirão, o que torna seu padrão de implantação semelhante ao do Fonseca e Prassévichus. Havia afloramentos de basalto e arenito silicificado no entorno. Apresentava 7 manchas de terra preta.

Os sítios Aguiinha e Pernilongo foram encontrados bem próximos ao lago da UHE Capivara, ficando à mostra somente no período das secas. Provavelmente se encontravam em baixa/média vertente, próximos ao Paranapanema. Esse padrão de implantação difere dos outros, que eram próximos a rios de menor porte, em topos de colina. Apenas no sítio Aguiinha foi encontrada uma mancha de terra preta, distante dos contextos funerários.

O sítio Lagoa São Paulo 2 possui uma localização distinta dos outros, em terraço fluvial, na margem esquerda do rio Paraná. Nele foram encontradas 22 manchas de terra preta.

As formas dos sítios aparentemente são similares, não estando as manchas dispostas de uma maneira específica. Não há datações para cada mancha ou sepultamento individual, então não há como saber a cronologia das mesmas e dos sepultamentos.

Variabilidade morfológica das cerâmicas

Fizemos a análise da variabilidade morfológica das vasilhas dos diversos sítios. Essa análise se baseou nas seguintes variáveis: tratamentos de superfícies interna e externa, classe da vasilha segundo a forma², espessuras máxima e mínima da borda, forma da borda, tipo de lábio, forma da base, diâmetro da borda, maior diâmetro, altura da vasilha. Comparamos cada uma das variáveis escolhidas para cada um dos sítios, chegando a alguns padrões morfológicos. Os sítios principais, ou seja, aqueles sobre os quais possuíamos mais informações e mais material cerâmico (Fonseca, Prassévichus,

2 De acordo com a classificação de La Salvia & Brochado (1989).

Alves, Aguinha e Pernilongo), foram a base para nossas considerações. Nesses sítios principais, apenas alguns contextos foram bem documentados e descritos: os contextos funerários que chamamos de I e II do sítio Aguinha; I e II do sítio Pernilongo; os contextos I, II, III, IV e V do sítio Fonseca; II, III, IV e V do sítio Alves; e alguns do Prassévichus. Outros contextos desses mesmos sítios e de outros não possuem boas descrições, e muitos nem sequer contam com a informação de haver ossos dentro da urna ou não. Os contextos I e II do Aguinha e II do Pernilongo também foram encontrados sem ossos dentro, mas isso poderia ser atribuído à ação das águas do lago da represa³. Algumas das vasilhas chamadas de urnas desses sítios foram encontradas por moradores da comunidade local, tendo perdido o seu contexto original. Isso torna esses contextos (todos os do Aguinha, os do Pernilongo com exceção do I, a maioria dos do Prassévichus e alguns do Alves) possivelmente funerários, mas não há como ter certeza absoluta. Por outro lado, todas as vasilhas que estamos chamando de urnas foram consideradas urnas funerárias pelos arqueólogos que as escavaram, sem que o critério que os levou a julgarem assim seja sempre claro. Faccio (comunicação pessoal) afirma que o contexto em que se encontravam era o que a fazia crer que eram urnas, pois havia um padrão: os contextos funerários eram sempre encontrados em solo de coloração avermelhada, fora de manchas de terra preta. Além disso, o sedimento no entorno onde estavam era menos compactado, atestando solo escavado.

Contextos funerários com informações sobre a presença de ossos humanos	
Sítio	Contexto funerário
Fonseca	I, II, III, IV, V (todos os contextos, segundo Pallestrini [1969])
Prassévichus	I, VIII (segundo Pallestrini [1893-1984])
Alves	I, III e IV (segundo Pallestrini [1975], e Morais [1999])
Pernilongo	I (segundo Faccio [2011])
Lagoa São Paulo 2	7 esqueletos dentro e fora de urnas, sem especificação do contexto (segundo Cabrera [2015])
Lopes	Na urna da exposição do CEMAARQ ⁴ há um fêmur humano e outro fragmento ósseo, e um osso de fauna. Não há informação sobre a associação entre a urna e os ossos.
Romanini	Na urna da exposição do CEMAARQ há alguns fragmentos ósseos dentro, um deles sendo de uma costela humana. Também não é indicado se há relação entre a urna e os ossos.
Salto Grande	Foram encontrados ossos de 2 indivíduos por moradores locais na área do sítio, sem especificação de contexto. Além disso, foi encontrada uma urna com ossos dentro, mas segundo Morais (1997), os ossos não foram analisados.

Como a preservação dos remanescentes humanos em sítios Tupi é, em geral, bastante ruim, não há como obter quase nenhuma informação do componente biológico do contexto. Analisamos poucos esqueletos, e na maioria não foi possível fazer um diagnóstico de sexo e idade aproximada da morte. O único em que isso foi possível foi o esqueleto do sepultamento II do sítio Fonseca, diagnosticado como de sexo feminino, idade aproximada entre 20 e 24 anos. Estava sepultado em uma urna de tipo yapepó guaçu, corrugada, e foi encontrada junto do esqueleto uma concha bastante fragmentada, mas que possuía uma perfuração em um dos fragmentos, indicando que talvez se tratasse de um adorno. O sítio Lagoa São Paulo 2 também possui diversos remanescentes humanos (em número de 7), porém, nem todos foram escavados, e só tivemos acesso a 3. Todos estavam muito fragmentados, impossibilitando o diagnóstico

3 As águas do lago da UHE Capivara sobem e descem, agindo sobre o sítio de maneira a arrastar materiais arqueológicos mais leves, o que dispersa fragmentos cerâmicos e pode ter carregado ossos. Os próprios sítios Aguinha e Pernilongo só puderam ser escavados em um período de seca, pois ficam a maior parte do tempo submersos (Faccio, 2011).

4 Centro de Museologia, Antropologia e Arqueologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente – SP.

de sexo e idade, sendo possível deduzir, através dos dentes e do tamanho dos ossos, apenas que provavelmente todos eram adultos. Um deles estava sepultado em uma urna corrugada de base convexa plana (o restante da urna se perdeu). Do outro restaram apenas 31 dentes e outros fragmentos ósseos, e estava em uma urna que se localizava dentro de outra, ambas de boca para cima cobertas por outra vasilha, esta emborcada; o conjunto estava em solo vermelho, fora de mancha de terra preta. E o terceiro era um sepultamento fora de urna, diretamente na terra vermelha, próximo do qual havia vasilhas cerâmicas de boca para cima e emborcadas.

As vasilhas que constituem os contextos funerários dessa região podem ser classificadas em três tipos: urnas, tampas e vasilhas anexas. O que estamos chamando de urnas são as vasilhas maiores (já descritas como urnas por quem as escavou), muitas vezes encontradas com vasilhas dentro, às vezes cobertas por outras vasilhas (tampas), em que poderia haver ossos humanos dentro ou que há a confirmação de ossos, não importando a origem dos mesmos – i. e., se é um sepultamento primário ou secundário. As tampas são as coberturas dos sepultamentos, sendo que nem todas as vasilhas emborcadas são necessariamente tampas. E as vasilhas anexas são todas as outras que constituem o contexto funerário, que podem estar dentro ou fora de vasilhas maiores (urnas). Essa classificação já havia sido proposta por Noelli (1993). De acordo com este autor, não havia um nome específico para a vasilha funerária enquanto exercia sua função de esquife.

Devemos ressaltar que se trata de uma classificação grosseira feita por nós, e que possui um caráter apenas instrumental, com o intuito de facilitar o processamento dos dados. Essas classes não devem ser consideradas como guias para se compreender as práticas funerárias, pois são fruto de funcionalidades pré-concebidas atribuídas às vasilhas, sendo uma classificação nada êmica. Além disso, vasilhas em um contexto funerário não podem ser analisadas apenas por um viés de funcionalidade, pois estão relacionadas a práticas ligadas ao simbólico.

É possível notar algumas funcionalidades para as urnas e tampas, que são conter os ossos e cobrir o sepultamento, respectivamente (Noelli, 1993). Podemos observar que essas funcionalidades se repetem, sendo que quase todos os sepultamentos analisados são compostos, no mínimo, por esses dois elementos. Esse padrão funerário já é descrito há muito tempo, sendo inclusive tomado como uma das bases da Tradição Tupiguarani. Entretanto, os sepultamentos não são constituídos apenas e simplesmente por urnas e tampas. Há sepultamentos diretamente na terra com vasilhas por perto, e sepultamentos sem tampa. Dos elementos preservados nos contextos, há os ossos - quase sempre menosprezados e deixados de lado nas análises -, e também podem ser encontradas outras vasilhas, assim como conchas, tembetás, contas e líticos.

Embora possamos inferir uma funcionalidade para urnas e tampas – desconsiderando, por ora, seus possíveis aspectos simbólicos e rituais -, não conseguimos observar para as vasilhas anexas funcionalidades tão claras. A própria categoria “vasilhas anexas” é problemática, pois engloba vasilhas com as mais diversas morfologias, encontradas nas mais diversas posições, e que certamente não constituem um conjunto funcional único. Além disso, o termo “anexas” as coloca em uma posição secundária em relação às urnas, o que não se justifica.

Mesmo que possamos notar certos padrões funcionais para as vasilhas funerárias, não pretendemos atribuir-lhes funções ou significados fechados e definidos. Como nos traz Holtorf (2002), os significados e a própria identidade material de um artefato não são características intrínsecas, inerentes, fixas e imutáveis dele. São negociados em diferentes circunstâncias sociais, podendo um objeto ter múltiplas identidades materiais diferentes. Essas identidades não são as mesmas em todas as épocas, mas mudam ao longo da história de vida do artefato, pois são o resultado das diferentes relações entre

peças e coisas. Isso não significa que os significados e características atribuídos a um objeto sejam arbitrários, mas sim que esses significados e características são determinados por vários fatores existentes no presente. Portanto, nossas considerações sobre as vasilhas funerárias são fruto de nosso presente e de nossas limitações teórico-metodológicas, e servem para atender a nossas necessidades de conhecer as práticas funerárias, não podendo ser tomadas como a única interpretação possível.

Feitas essas ressalvas, seguiremos em nossa tentativa de compreensão dos contextos funerários. Os sítios analisados, tanto os principais quanto os outros e as ocorrências, formam um conjunto cerâmico que pode ser separado em cerâmicas Guarani e cerâmicas Tupinambá, segundo a classificação morfológica trazida por Corrêa (2014). De início, acreditávamos que todo o material fosse Guarani, porém, as vasilhas encontradas em contexto funerário apresentaram diferenças morfológicas muito significativas, que formam padrões para cada sítio. Os sítios do alto e médio Paranapanema (sítios Fonseca, Prassévichus⁵, Salto Grande) e a ocorrência arqueológica do bairro Cascavel, município de Piraju, apresentam urnas funerárias com formato piriforme, fundas, com base cônica e bordas diretas sem extroversão. O tratamento de superfície delas é corrugado, o que não é um diferencial, estando presente esse tratamento em vasilhas de todos os sítios analisados. Já os contextos Guarani (sítios Alves, Pernilongo, Aguiha, Lagoa São Paulo 2, Nunes, Romanini, Lopes, Canuto) e a ocorrência no município de Rosana possuem urnas com bordas extrovertidas, não havendo a forma da borda direta sem extroversão.

Além dessa característica marcante na cerâmica - que é a existência dessas urnas piriformes com bordas diretas sem extroversão em alguns sítios e em outros não -, há outras características relacionadas à morfologia cerâmica que formam padrões entre os sítios. Esses padrões apresentam semelhanças e diferenças.

Nas classes urna, tampa e vasilhas anexas encontram-se diversas das formas descritas por La Salvia & Brochado (1989). Das urnas, quase todas pertencem às classes yapepó guaçu (ou nhaemepó, que é o nome Tupinambá) e cambuchí (ou camuci), mas uma pertence à classe cambuchí caguabá e outra à classe yapepó boya (ambos contextos encontrados no sítio Pernilongo, baixo Paranapanema). Em quase todos os sítios principais, com exceção do sítio Pernilongo, há muito mais urnas yapepó do que cambuchí. No caso do sítio Prassévichus, os arqueólogos acharam uma urna cambuchí, no entanto não a encontramos para poder analisar. O sítio Pernilongo foi o que mais apresentou variedade nas morfologias e classes de vasilhas usadas como urnas funerárias, sendo que nenhum outro apresentou, nem entre o material analisado nem entre os relatos de material feitos por quem os escavou, vasilhas cambuchí caguabá e yapepó boya.

Então, encontramos um primeiro padrão, que é a presença de urnas yapepó guaçu e cambuchí em todos os sítios principais, sendo que o número de yapepó é, em quase todos os casos, muito superior ao de cambuchí. Mesmo nos 8 sítios e ocorrências dos quais só pudemos encontrar uma vasilha cada (Salto Grande, Nunes, Lagoa São Paulo 2, Romanini, Lopes, Canuto, ocorrência do bairro Cascavel em Piraju e ocorrência em Rosana), a maioria das mesmas é também yapepó, sendo 5 yapepó para 3 cambuchí. A exceção é o sítio Pernilongo, que apresenta diversas morfologias de urnas e apenas uma yapepó.

Ao observar as características do material, notamos que os sítios Fonseca, Prassévichus e Alves apresentam uma padronização muito maior em termos de formas, tratamentos de superfícies e bordas (morfologias e espessuras) do que os sítios Aguiha e Pernilongo. Nesses primeiros sítios, as vasilhas seguem um padrão, sendo as yapepó

5 O sítio Prassévichus foi renomeado como Caçador. Entretanto, estamos utilizando a nomenclatura original presente nos artigos mais antigos.

muito parecidas entre si. Entre os sítios também há um padrão, sendo que as urnas do Fonseca, Prassévichus, Salto Grande e do bairro Cascavel também são parecidas entre si. Já as urnas do Alves, embora o sítio apresente o mesmo padrão de semelhança entre suas urnas que os outros, são muito diferentes na forma e tratamentos de superfície quando comparadas às dos outros, sendo as dos primeiros na sua maioria corrugadas, e as desse sítio com engobo e lisas, além das espessuras das bordas serem muito maiores no Alves.

Já as urnas do Aguiha e Pernilongo não são muito padronizadas, em especial as do Pernilongo, que além de possuírem formas bastante diferentes, possuem espessuras de borda e tratamentos de superfície bem variados. Portanto, ao contrário dos outros 3, esses dois sítios não apresentam uma padronização de suas vasilhas, nem entre si nem com algum outro. O Aguiha, apesar de apresentar uma grande variedade de formas e tratamentos de superfície de yapepó, é mais padronizado que o Pernilongo, embora não possua conjuntos cerâmicos parecidos a nenhum dos anteriores. Já o sítio Pernilongo é de longe o mais variado tanto em termos de classes de vasilhas empregadas como urnas, como de tratamentos de superfície, espessuras, formas e diâmetros de borda. Essa diferença marcante entre os dois sítios é bastante interessante, pois eles se localizam muito próximos um do outro, ambos na calha do Paranapanema.

As figuras abaixo (página seguinte) contêm as formas das vasilhas de contextos funerários de cada sítio.

Os sítios dos quais analisamos apenas uma vasilha não possibilitam a identificação de padrões intra-sítio, apenas comparações com os outros. A vasilha do sítio Nunes é muito similar às do Alves, e esse sítio é muito próximo ao outro, estando localizado na contravertente, no lado oposto do ribeirão próximo ao Alves, tanto que Moraes (1999) considera os dois sítios como uma única entidade. A vasilha do sítio Salto Grande e a do bairro Cascavel são muito similares às do Fonseca e Prassévichus, sendo todas essas de morfologia Tupinambá. As vasilhas dos outros sítios possuem morfologias bastante variadas. As únicas que se parecem mais são a cambuchí do sítio Lopes e do achado fortuito de Rosana.

Isso demonstra outro padrão, que as vasilhas Tupinambá são bem padronizadas, mesmo entre sítios diferentes, enquanto as Guarani são bem variadas, tanto inter quanto intra-sítios. O único sítio Guarani analisado com material não muito variado no âmbito do sítio é o Alves.

Ao observar a altura e maior diâmetro das urnas, e fazendo um cálculo aproximado de volume, podemos ver que as do Prassévichus são maiores e com bem maior capacidade que as do Fonseca. A do Salto Grande é maior do que qualquer urna desses dois primeiros sítios (sendo a maior yapepó corrugada), e a do bairro Cascavel possui o tamanho semelhante a uma das do Fonseca. As urnas do Alves são, juntas, maiores e com muito maior capacidade que os conjuntos dos outros sítios, embora haja outras urnas que possuam capacidade similar a cada urna individual do Alves. A urna do Nunes é de

Sítio Aguinha: formas das vasilhas ligadas a contextos funerários

Urnas yapepó (A, B, C, D, E)

Urna cambuchí (F)

Tampa (I)

Vasilhas anexas (G, H, J)



A



B



C



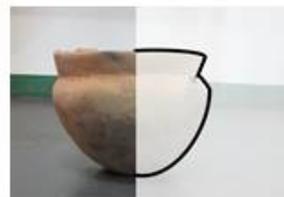
D



F



E



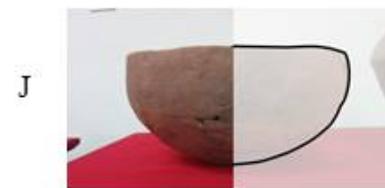
G



I



H



J

Figura 1: Formas do sítio Aguinha

Sítio Pernilongo: formas das vasilhas ligadas a contextos funerários

Urna cambuchí caguabá (A); urnas cambuchí (F, H); urna yapepó (G); urna yapepó boyá (D); tampa da urna D (E); vasilhas anexas do contexto funerário I (B, C), vasilhas anexas de contexto funerário indeterminado (I, J)

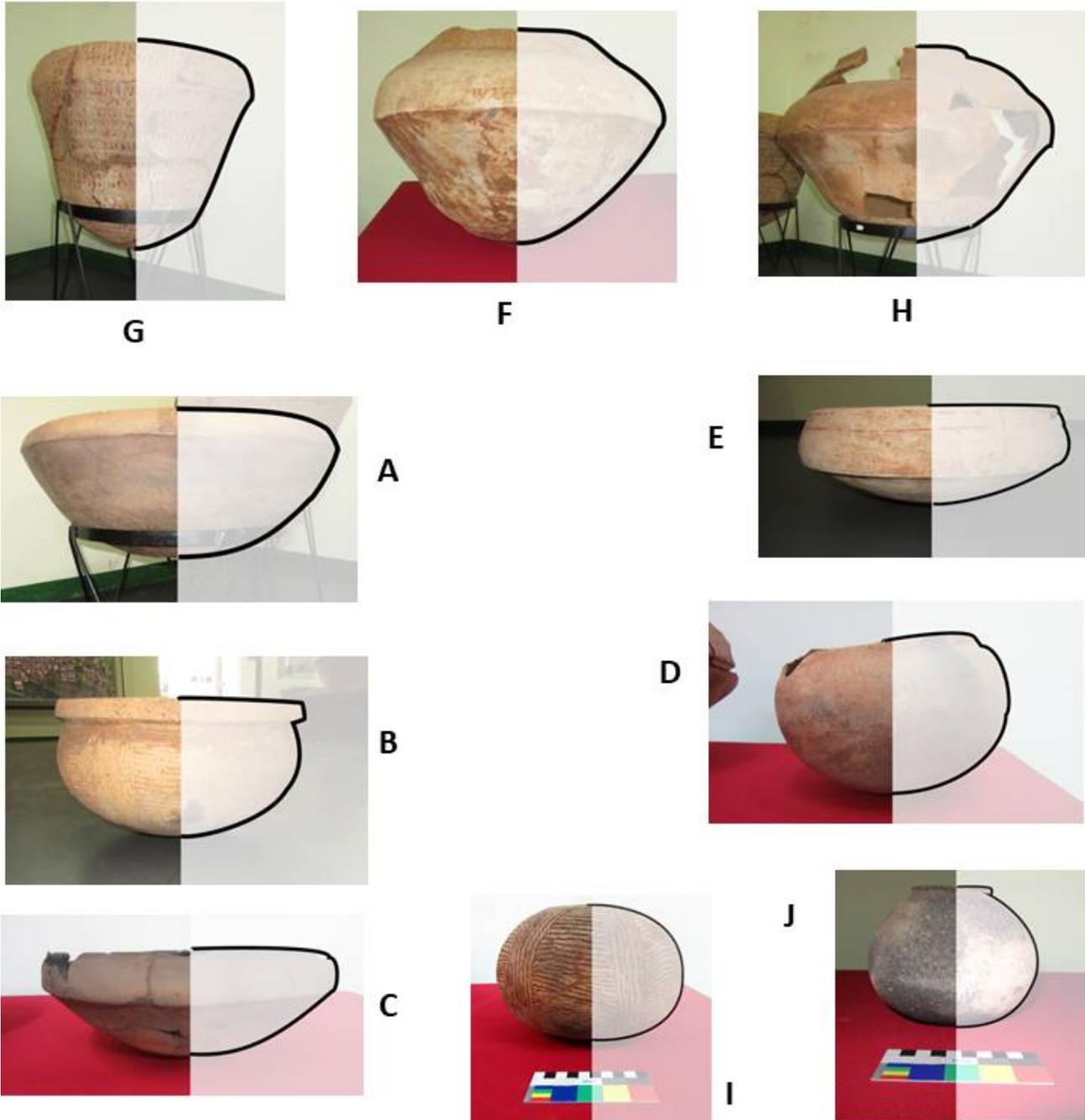


Figura 2: Formas do sítio Pernilongo

Sítio Alves: formas das vasilhas ligadas a contextos funerários
Urnas yapepó (A, D, F); urna cambuchí (C); vasilhas anexas
yapepó myri (B, I, J); cambuchí myri (H); ambuchí caguabá
(G); naetá (E)

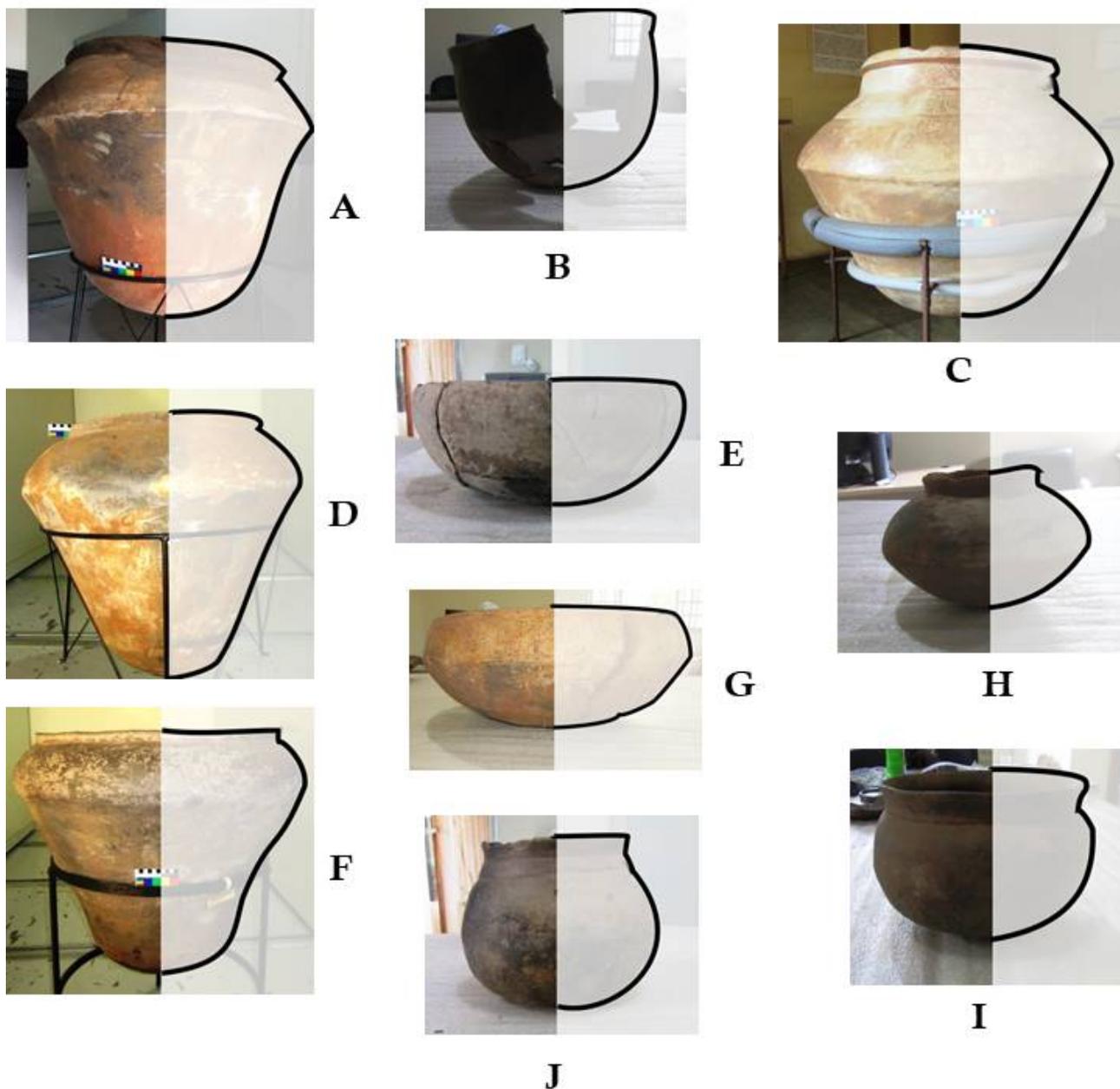


Figura 3: Formas do sítio Alves

Sítio Fonseca:
Urnas funerárias yapepó (A, B, D) e cambuchí(C)

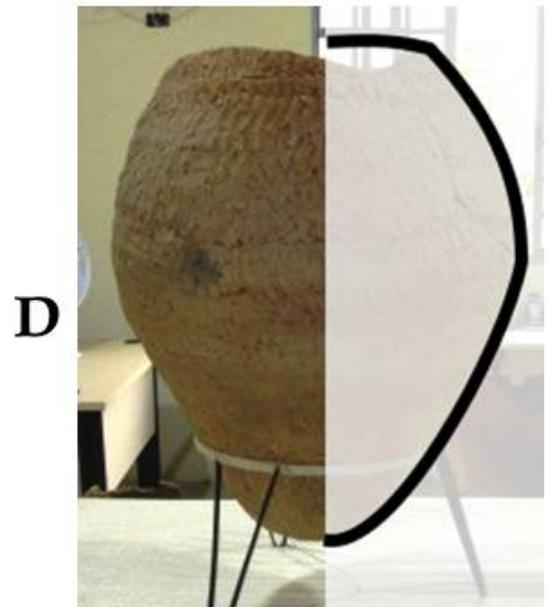
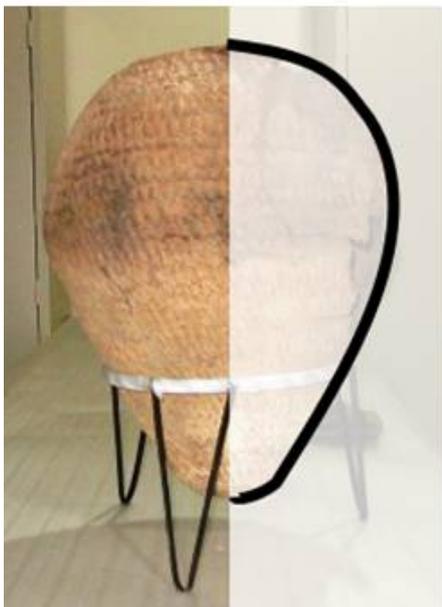
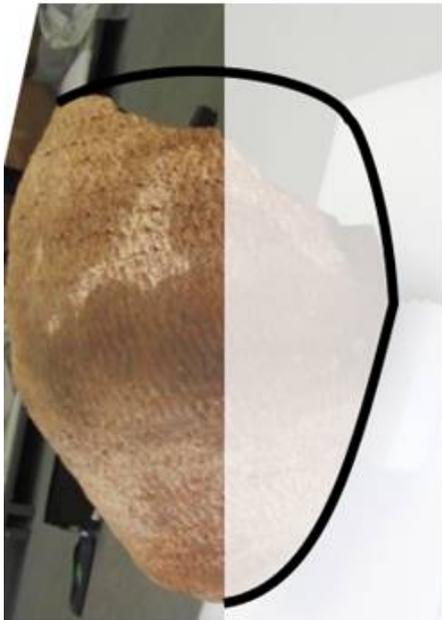


Figura 4: Formas do sítio Fonseca

**Sítio Prassévichus:
Urnas funerárias yapepó (A, B, D, E) e vasilha que
estava dentro da urna do contexto funerário IV (C)**

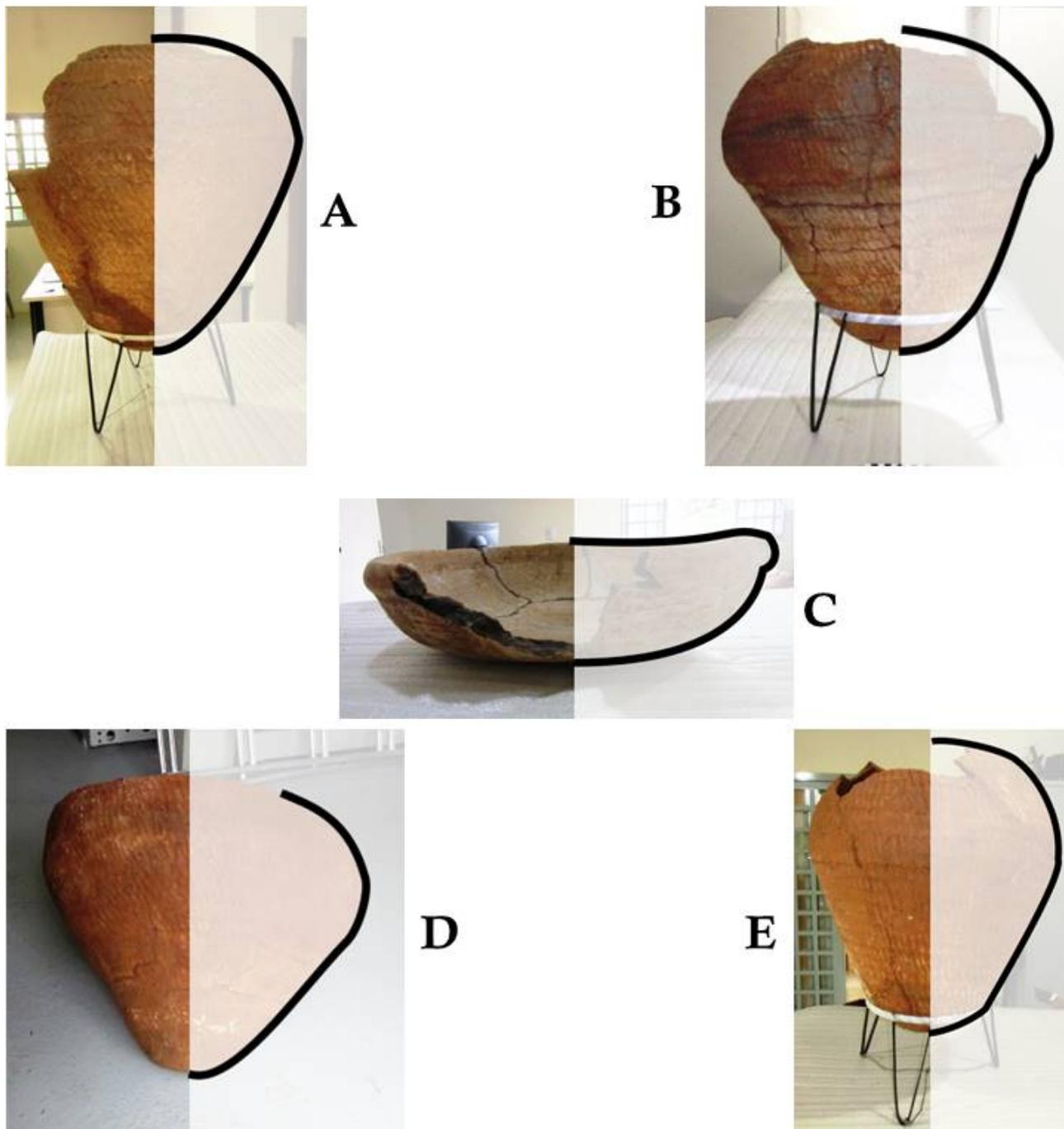
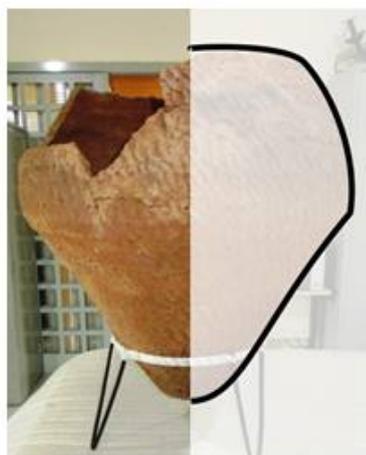


Figura 5: Formas do sítio Prassévichus

**Urnas de outros sítios e ocorrências arqueológicas:
Ocorrência no bairro Cascavel – Piraju (A); Ocorrência em
Rosana (E); Sítio Salto Grande do Paranapanema (B); Sítio
Lagoa São Paulo 2 (C); Sítio Nunes (D); Sítio Romanini (G);
Sítio Lopes (H); Sítio Canuto (F)**



A



B



C



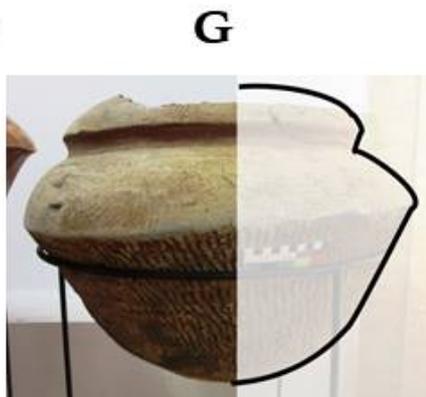
D



E



F



G



H

Figura 6: Urnas dos outros sítios e ocorrências arqueológicas

um tamanho similar às do Alves, e as do Pernilongo e Aguinha são, em geral, menores, com exceção da cambuchí do Aguinha, que possui um tamanho e capacidade bastante maior que as outras urnas do sítio e que qualquer vasilha do Pernilongo. Tanto no sítio

Fonseca quanto no Alves, Aguiha e Pernilongo, as cambuchí possuem um volume maior que as yapepó. Os sítios Alves e Aguiha apresentam as maiores cambuchí.

As tampas encontradas foram poucas, e várias estavam quebradas, pois em muitos casos o contexto foi encontrado após a passagem de maquinário agrícola sobre ele, e no processo a tampa se quebrou, não sendo possível a observação de seu padrão morfológico. Das poucas que pudemos analisar, quase todas possuem no mínimo 50 cm de diâmetro máximo, sendo que apenas a tampa do contexto funerário II do Pernilongo possui 35 cm. As que puderam ter sua forma reconstituída são Ñaembé Guaçu (prato grande) e Cambuchí Caguabá. Os tratamentos de superfície também variam, sendo Alisado, Engobo, Corrugado e Pintura Vermelha.

As vasilhas anexas que encontramos para analisar não são tantas quanto as que possivelmente havia nos contextos, o que pode ser notado através da leitura das descrições dos mesmos. O conjunto de vasilhas dos sítios apresenta formas bastante variadas, pertencentes às classes: Ñaetá/Nhaem, Yapepó Myri, Cambuchí Myri e Cambuchí Caguabá. O Alves é o que possui a maior variedade de classes de vasilhas anexas, encontradas dentro de urnas. Entretanto, o Pernilongo é o que possui a maior variedade de formas. Quanto aos tratamentos de superfície interna e externa, são bastante variados em todos os sítios, em especial o tratamento externo, havendo Alisado, Engobo, Engobo Vermelho, Engobo Preto, Ungulado, Incisos, Pintura Preta sobre Engobo Branco + Engobo Vermelho, Alisado + Engobo Branco, Alisado + Engobo Preto, Engobo + Pintura Vermelha no Lábio.

Características contextuais e a espacialidade funerária local e regional

A análise da espacialidade funerária se deu de uma maneira multidimensional: na busca por gestos funerários (tentando distinguir o que são processos naturais de gestos) em cada contexto; e na observação da existência ou não de padrões em cada sítio, e se esses padrões se repetem entre os sítios. Foram observadas: a posição de cada vasilha no contexto, a posição dos ossos (quando há), a posição das vasilhas em relação aos ossos, a posição das vasilhas e dos ossos em relação a outros elementos presentes no contexto (como pedras, tembetá), o espaçamento dos contextos no sítio e sua relação com outras estruturas (como as manchas de terra preta e fogueiras), e a distribuição desses padrões de cada sítio na região do Paranapanema e Alto Paraná.

No âmbito de cada contexto, podemos observar que a espacialidade funerária varia bastante, indo muito além do tradicional “Urnas cobertas por tampas”. Há contextos compostos por urnas com ou sem vasilhas dentro, contextos compostos por vasilhas ao lado de urnas, urnas uma ao lado da outra, uma sobre a outra, sepultamento direto na terra com vasilhas próximas, ou simplesmente a urna coberta por tampa.

No sítio Fonseca, quase todos os contextos funerários são formados apenas por urnas e tampas, sem nenhuma vasilha ao redor ou dentro. Até mesmo a cambuchí recebeu uma tampa (uma vasilha lisa, segundo a descrição). No entanto, o contexto funerário V é composto pela urna V em posição horizontal, posicionada sobre a urna VI, e o conjunto todo recebia uma tampa, posicionada emborcada sobre a urna V (Pallestrini, 1969).

O sítio Prassévichus possuía 8 contextos funerários, todos sendo urnas com tampas, uma das urnas sendo camuci e as outras nhaempepó. Uma das nhaempepó, o contexto IV, possuía vasilhas dentro (Pallestrini, 1983-1984).

O sítio Alves possuía 5 contextos funerários. A urna 1 foi encontrada já descontextualizada, porém Morais (1999) afirma que havia ossos humanos dentro dela. A urna 2 possuía vasilhas dentro, algumas de boca para cima e outras emborcadas, e uma tampa cobrindo as mesmas, e não há informação sobre ossos humanos. A urna 3 foi encontrada com fragmentos de cerâmica e de ossos humanos dentro. A urna 4 possuía

vasilhas dentro, algumas de boca para cima e outras emborcadas, sendo que uma dessas vasilhas estava dentro de outra; abaixo das vasilhas havia ossos humanos. E a urna 5 possuía uma vasilha em seu fundo, de boca para cima (Pallestrini, 1975).

No sítio Aguiha, o contexto funerário I possuía 3 vasilhas, uma ao lado da outra formando uma linha, as duas maiores sendo a cambuchí e outra yapepó. Não há informação sobre ossos em todo o contexto, então, provavelmente, não devem ter sido encontrados. O contexto funerário II desse sítio era composto por uma urna com resquícios de uma tampa cobrindo sua boca (a tampa se perdeu quase inteira) e duas vasilhas dentro, sendo que uma delas havia se quebrado e estava emborcada. As duas vasilhas possuem morfologia bem parecida (Faccio, 2011). Os outros contextos funerários do sítio não possuem informações, ou então as vasilhas foram descontextualizadas antes de serem escavadas.

No sítio Pernilongo, o contexto funerário I é composto por uma urna de tipo cambuchí caguabá com vasilhas dentro, emborcadas e de boca para cima, e material ósseo, também dentro dela, que estava muito decomposto; além disso, ao lado da urna havia duas vasilhas, uma com engobo preto e a outra com decoração incisa, dois blocos de basalto, e um tembetá e outros adornos próximos a um dos blocos. Já o contexto funerário II do sítio Pernilongo é composto por uma urna do tipo yapepó boyá (panela média) com uma cambuchí caguabá como tampa. Não havia ossos nem vasilhas dentro (Faccio, 2011).

O sítio Lagoa São Paulo, apesar de só termos encontrado para analisar uma única urna descontextualizada, apresenta vários contextos funerários. Cabrera (2015) afirma que no sítio há 5 pontos de sepultamentos, com um total de 7 sepultamentos. Alguns estão dentro de urnas, outros diretamente na terra com vasilhas em volta, mostrando uma grande diversidade de práticas funerárias.

Em resumo, os contextos dos sítios Fonseca e Prassévichus são muito mais homogêneos, sendo, na sua maioria, uma única urna com tampa sobre ela. Já os contextos dos sítios Alves, Aguiha, Pernilongo e também Lagoa São Paulo 2, além de serem muito diferentes desses dois primeiros sítios, são mais diversificados dentro de cada sítio, havendo sepultamentos com vasilhas próximas, vasilhas dentro de urnas, vasilhas e ossos dentro de urnas, ossos diretamente na terra com vasilhas ao redor. Portanto, os sítios com cerâmicas Guarani possuem contextos mais diversificados entre si, enquanto aqueles dos sítios com cerâmicas Tupinambá apresentam uma diversidade menor. As práticas envolvidas em cada um dos dois conjuntos de sítios são diferentes, havendo um amplo emprego de vasilhas anexas entre os Guarani e a deposição de vasilhas ao redor e dentro de urnas, atitude que é quase inexistente nos contextos Tupinambá.

Há uma diferença, no entanto, entre o sítio Alves e os demais sítios Guarani: nesse sítio não há vasilhas fora e ao redor de urnas, apenas dentro. Essa característica, somada à padronização das morfologias de suas cerâmicas funerárias, o torna, a princípio, o sítio Guarani mais parecido com os Tupinambá.

Quando observamos a espacialidade dos contextos funerários dentro de cada sítio, podemos ver que, em alguns sítios, os contextos são mais esparsos, bastante distantes uns dos outros, e em outros eles são mais próximos. Essa diferença na espacialidade coincide, novamente, com a diferença entre as cerâmicas. Nos sítios com cerâmicas Tupinambá (Fonseca e Prassévichus) os contextos são distantes uns dos outros, alguns próximos a manchas de terra preta, outros muito distantes das mesmas, e, em geral, bastante esparsos pela área do sítio. Quando observamos os sítios Guarani, vemos contextos mais próximos uns dos outros, bem como a presença de urnas uma ao lado da outra. Nos sítios Alves e Aguiha, os sepultamentos estão todos em uma área mais concentrada do sítio, enquanto no sítio Pernilongo há contextos mais dispersos, no

entanto, ainda assim havendo alguns próximos entre si. As plantas dos sítios com os respectivos contextos funerários podem ser vistas em Pallestrini (1969, 1975, 1983-1984) e Faccio (2011).

Todos os contextos funerários, de todos os sítios em que foram encontradas manchas de terra preta, são exteriores a elas, nenhum dentro. Isso nos leva a crer que ou não havia sepultamentos dentro das estruturas de habitação, ou eles não se preservaram por algum motivo.

Já a espacialidade regional, ou seja, os padrões que os sítios formam na área das bacias do Paranapanema e Alto Paraná, também indica uma certa separação da região em duas áreas: o alto-médio Paranapanema, com um maior número de sítios Tupinambá, e o médio-baixo Paranapanema, na região mais próxima do rio Paraná, onde só encontramos sítios Guarani. O sítio Alves encontra-se em uma área repleta de sítios e ocorrências de cerâmicas Tupinambá, mesmo ele apresentando - em suas cerâmicas, contextos funerários e espacialidade funerária - diferenças marcantes com os sítios Tupinambá próximos.

O mapa da figura 7 mostra essa distribuição regional.

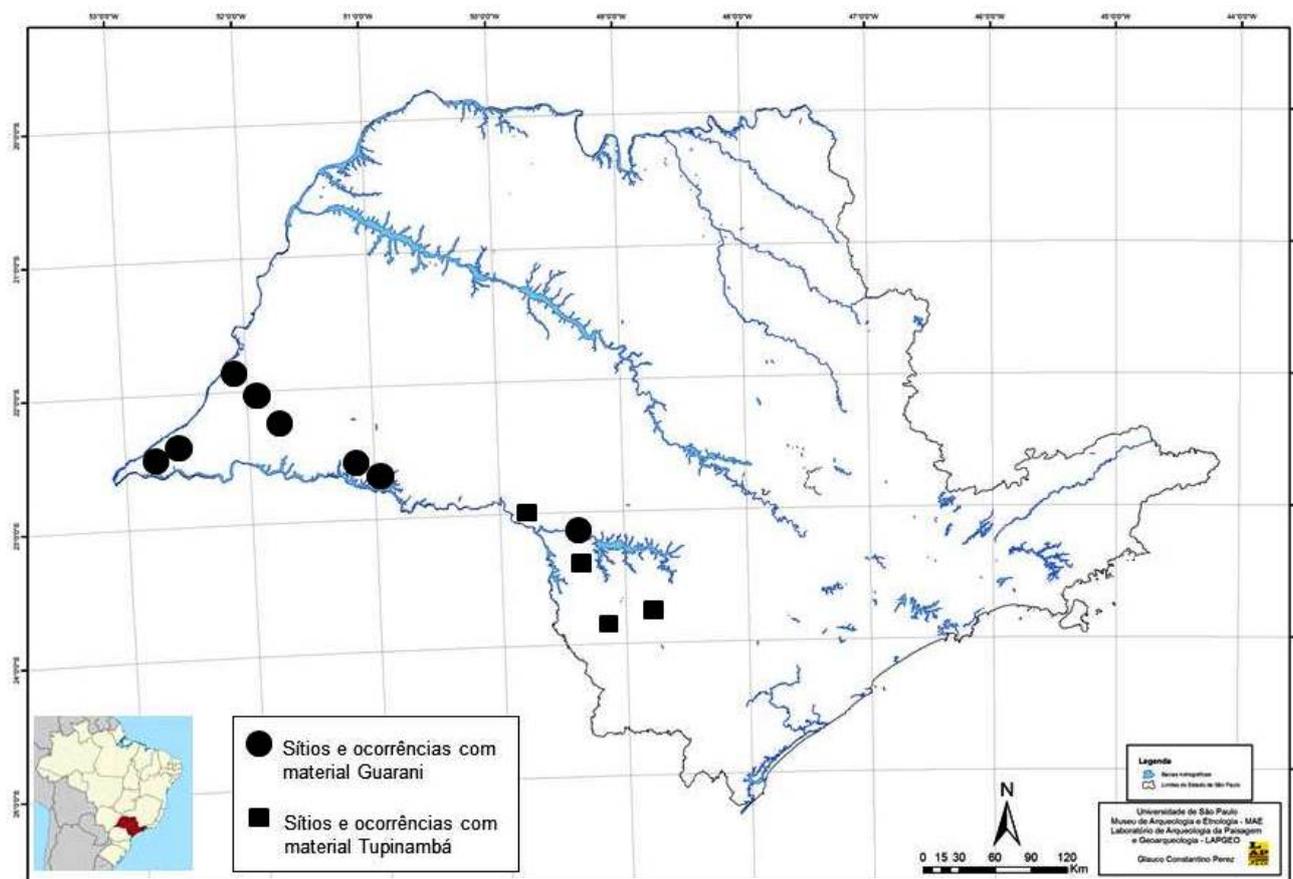


Figura 7: Mapa com os sítios e ocorrências analisados.

As datações disponíveis para os sítios sugerem que o Fonseca e o Alves possuem uma certa contemporaneidade, ao menos por algum tempo, mas que o Alves é um pouco mais recente. Já os sítios Aguinha e Pernilongo são mais recentes que esses dois, tendo sua ocupação ocorrido posteriormente. Por possuírem datações muito próximas e estarem em regiões também próximas, é muito provável que tenha havido convivência entre as pessoas do Alves e as do Fonseca, o que pode ter gerado contatos e influências mútuas.

Considerações finais

Os dados apresentados possuem um caráter preliminar, sendo apenas considerações primeiras sobre os contextos funerários do Paranapanema e Alto Paraná. Os padrões observados com a análise cerâmica e as descrições dos contextos são o primeiro passo para que possamos começar a compreender as práticas funerárias dos grupos humanos que habitaram essas regiões, e perceber o quanto essas práticas poderiam indicar identidades, contatos, trocas culturais, fronteiras.

Os sítios apresentam práticas funerárias que possuem similaridades e variações, representadas pelo emprego de vasilhas como urnas e outros acompanhamentos funerários e pela espacialidade funerária. Entre as continuidades, há o emprego de vasilhas de classes yapepó/nhaempepó e cambuchí/camuci, as primeiras em maior número, como receptáculos para ossos e outras vasilhas, e a presença de vasilhas as cobrindo, como tampas, em todos os sítios. Outra continuidade é o sepultamento fora de áreas de manchas de terra preta, atestado em todos os contextos.

Já as discontinuidades são representadas pela deposição diferenciada de vasilhas no contexto, sendo essa deposição bastante diversa, mas que forma certos padrões. Nos sítios com cerâmicas Tupinambá não há um emprego frequente de vasilhas dentro ou fora de urnas, nem de urnas uma ao lado da outra, e os contextos funerários são distantes um do outro e bastante esparsos pelo sítio. Já nos sítios Guarani, há o emprego de urnas/sepultamentos com vasilhas em volta, com vasilhas dentro, urnas próximas, e a distribuição dos contextos é mais concentrada na área do sítio. Essas diferenças também apresentam um padrão geográfico, estando os sítios Tupinambá concentrados no alto e médio Paranapanema e os Guarani no médio e baixo curso.

O sítio Alves se localiza numa área próxima de sítios Tupinambá, possuindo uma cronologia próxima, o que sugere relações entre os habitantes dele e os do Fonseca. A continuidade dos estudos, bem como outras análises do material arqueológico desses sítios (não somente o funerário), poderia trazer à tona quais relações, identidades e contatos havia.

Para além desses padrões, os contextos apresentam diferenças que particularizam os sítios, havendo a necessidade de um aprofundamento da pesquisa nas práticas funerárias. Entretanto, os dados apresentados demonstram o potencial que o estudo dessas práticas tem de trazer contribuições para a questão dos diferentes grupos que habitaram o estado de São Paulo, pois eles possibilitam a visualização de diferentes comportamentos funerários que caracterizam a região do Paranapanema, e que estão associados com diferenças na cerâmica e no padrão de assentamento.

Esses dados nos fazem crer que, na região do alto e médio Paranapanema, havia grupos Tupinambá desde poucos séculos antes do ano 1000, e que esses grupos provavelmente tiveram relações, de alguma maneira, com grupos Guarani. O baixo curso parece ter sido habitado apenas por grupos Guarani, que vieram posteriormente aos grupos do alto curso. As práticas funerárias dos grupos que habitaram a bacia do Paranapanema apresentam similaridades, mas também diferenças significativas, e podemos começar a observar práticas características de grupos produtores de cerâmicas Tupinambá e Guarani dessa região.

Agradecimentos

Agradeço à Professora Marisa Coutinho Afonso pela oportunidade e orientação. À Professora Neide Barrocá Faccio pela autorização para analisar o material do Museu de Iepê e por ter me recebido com grande gentileza. À Professora Ruth Kunzli pela autorização para analisar o material do CEMAARQ e pela gentileza. Ao Professor Astolfo Araújo pela autorização para analisar o material do Centro Mário Neme. Aos professores (as) Neide Barrocá Faccio, Verônica Wesolowski de Aguiar e Santos, Sergio Francisco

Monteiro da Silva e Francisco Noelli pelas conversas e orientações que ajudaram muito em minha análise do material. Ao Jean Cabrera por toda a ajuda com o material do CEMAARQ. Ao Glauco Constantino Perez pela confecção do mapa. Aos técnicos do MAE, Paulo Jacob e Dária Barreto, e do Centro Mário Neme, João Carlos Alves, pelo auxílio com o material. Às funcionárias do CEMAARQ, Nikele, e do Museu de Iepê, Dete, pelo auxílio. Ao MAE-USP e ao LAPGEO (Laboratório de Arqueologia da Paisagem e Geoarqueologia). À CAPES pela bolsa de estudos.

Referências Bibliográficas

- AFONSO, M.C. 2006. *Um Olhar para a Arqueologia Pré-Histórica do Estado de São Paulo*. Tese de livre docência. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo.
- AFONSO, M.C. 2008-2009. *Um painel da arqueologia pré-histórica no estado de São Paulo: os sítios cerâmicos*. Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas. Dossiê Arqueologia Hoje, 11 e 12 (20 e 21): 127-155.
- CABRERA, J.I. 2015. *A. O espaço ocupado pelo homem pré-histórico no oeste paulista: o caso do sítio arqueológico Lagoa São Paulo – 02 no município de Presidente Epitácio – SP*. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista.
- CHMYZ, I. 2002. *A Tradição Tupiguarani no litoral do estado do Paraná*. Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes, 16.
- CORRÊA, A.A. 2014. *Pindorama de Mboia e Itakaré. Continuidade e Mudança na Trajetória das Populações Tupi*. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo.
- DUDAY, H. 2009. *The Archaeology of the Dead: Lectures in Archaeothanatology*. Oxford (UK): Oxbow Books.
- FACCIO, N.B. 2011. *Arqueologia Guarani na Área do Projeto Paranapanema. Os sítios de Iepê*. Tese de Livre Docência. Museu de arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- HOLTORF, C. 2002. Notes on *The Life History of a Pot Sherd*. *Journal of Material Culture*, 7 (1): 49-71.
- KASHIMOTO, E.M.; MARTINS, G.R. 2009 *Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Life Editora.
- LAMOTTA, V.M. 2001. *Behavioral variability in mortuary deposition: a modern material culture study*. Arizona Anthropologist. Association of Student Anthropologists, Department of Anthropology, University of Arizona, 14: 53-80.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J.P. 1989. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura.
- MENDONÇA DE SOUZA, S. 2001. A Necrópole Maracá e os Problemas Interpretativos em um Cemitério sem Enterramentos. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Série Antropológica, 17 (2): 479-520.
- MENDONÇA DE SOUZA, Sheila M.F. & RODRIGUES-CARVALHO, Cláudia. 2013. 'Ossos no chão': para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, 8 (3): 551-566.
- MONTARDO, D.L.O. 1995. *Práticas Funerárias das Populações Pré-coloniais e suas Evidências Arqueológicas – Reflexões Iniciais*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. MONTARDO, D.L.O. & NOELLI, F.S. 1995-1996. *Sugestões para o estudo dos enterramentos Guarani*. Coleção Arqueológica, 1(1): 491-502. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- MONTEIRO DA SILVA, Sérgio F.S. 2005. *Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-Históricos do Litoral do Estado de São Paulo*. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- MORAES, C.A. de. 2007. *Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual*. Dissertação de mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- MORAIS, J.L. 1997. *Resgate do patrimônio arqueológico da área de influência do Complexo Canoas*. Relatório USP-CNS 24.1.
- MORAIS, J.L. 1999. *Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista*. Tese de Livre Docência. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

- MÜLLER, L.M. & MENDONÇA DE SOUZA, S. 2011. Enterramentos Guarani: problematização e novos achados. In: CARBONERA, M.; SCHMITZ, P.I. (orgs.) *Antes do Oeste Catarinense. Arqueologia dos Povos Indígenas*. Chapecó: Argos.
- NILSSON STUTZ, L. 2007. *Archaeology, Identity and Right to Culture*. Anthropological perspectives on repatriation. *Current Swedish Archaeology*, 15: 1-16.
- NOELLI, F.S. 1993. *Sem tekohá não há tekó. Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Rio Jacuí-RS*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- PALLESTRINI, L. 1969. *Sítio Arqueológico Fonseca*. São Paulo: Universidade de São Paulo/ Museu Paulista.
- PALLESTRINI, L. 1975. *Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do estado de São Paulo*. Coleção Museu Paulista, Série de Arqueologia. Vol. 1.
- PALLESTRINI, L.; MORAIS, J.L. 1983-1984. Prassévichus – aldeia pré-histórica no município de Itaberá – SP. *Revista do Museu Paulista*, 29: 151-167.
- PEARSON, M. P. 2002. *The Archaeology of Death and Burial*. Texas A&M University Press.
- PIEIDADE, S.C.; SOARES, A.L.R. 2000. Considerações sobre um enterramento Guarani: alterações e hipóteses etno-históricas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 10: 31-68.
- RAPP PY- DANIEL, A. 2015. *Os Contextos Funerários na Arqueologia da calha do rio Amazonas*. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo.
- RIZZARDO, F.M.; SCHMITZ, P.I. 2015. Formas de Sepultamento na Tradição Cerâmica Tupiguarani. *Revista Tecnologia e Ambiente*. Dossiê IX Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira / Regional Sul, Vol. 21(1).
- SMITH, C.; WOBST, H.M. 2005. *Decolonizing archaeological theory and practice*. In: SMITH, C. & WOBST, H.M. (orgs.) *Indigenous Archaeologies. Decolonizing Theory and Practice*. London, Routledge.